

J. R. Ward

OS SOMBRAS

Um romance da Irmandade da Adaga Negra
Volume XIII

Tradução
Pedro Sequeira e Amaria Pereira

Prólogo



TERRITÓRIO DOS S'HISBE, PALÁCIO REAL

As pegadas que ele deixava sobre o mármore branco eram vermelhas. Vermelhas como um rubi birmanês. Vermelhas como o âmago de uma chama. Vermelhas como a raiva entranhada na sua essência.

O sangue era dele próprio, TrezLath, mas ele não sentia qualquer dor.

Na palma da sua mão, ainda se encontrava a arma letal que acabara de utilizar, uma faca de aparar, em prata de lei, quase tão comprida como a sua mão e quase tão estreita como o seu dedo indicador. Gotas de sangue pingavam da faca, mas não era essa a origem do rasto escarlate que deixava para trás. Tinha sido ferido durante a luta. Na anca. Na coxa. Ou talvez no ombro, não tinha bem a certeza.

O corredor era incrivelmente comprido e alto, e ele não sabia o que o aguardava no final. Rezava para que fosse uma porta. Tinha de existir uma porta de qualquer género – afinal, aquele era o caminho para o exterior do palácio, por isso tinha de haver... uma saída. E o que faria quando a alcançasse? Não sabia como poderia escapar. Mas também não sabia como matar outro macho e fizera-o, há poucos minutos.

Além disso, também não tinha qualquer plano para lidar com o que existia na extremidade oposta dos terrenos do palácio, nem fazia a mínima ideia de como iria transpor as muralhas que circundavam o Território. Não sabia para onde se devia dirigir, nem o que devia fazer. Tudo o que

sabia era que não conseguia continuar naquela cela. Não era por falta de luxos, pois possuía uma cama com colchão de penas e lençóis de seda, uma zona de banhos com uma piscina privativa e um chef pessoal para cozinhar. Tinha ainda à sua disposição livros escritos pelos Mestres Sombras e uma equipa completa de especialistas, desde curandeiros a criados de banhos e treinadores. E quanto à indumentária? As suas roupas, agora rasgadas, estavam cravejadas de pedras preciosas provenientes do tesouro real; diamantes, esmeraldas e safiras pendiam das suas vestes, formando uma cascata cintilante.

E, no entanto, o seu corpo era considerado muito mais valioso do que as riquezas que ostentava.

Trez era o corpulento bezerro sagrado, o garanhão reprodutor premiado, o macho cuja carta astral revelara a sina de ser o progenitor masculino da próxima geração de rainhas.

Ainda não fora chamado para desempenhar os seus préstimos sexuais. Isso viria a seu tempo, quando a Princesa com quem estava destinado a acasalar atingisse a maturidade astrológica.

Trez olhou por cima do ombro. Ninguém o perseguia, de momento, mas isso mudaria no preciso instante em que encontrassem o corpo inanimado do guarda que ele derrotara – e tal não demoraria muito a acontecer. Havia sempre alguém a vigiar.

Se ao menos pudesse...

Mesmo à sua frente, uma porta, anteriormente alinhada com a parede, deslizou para trás, e dela saiu uma enorme figura, vestida de preto, que se interpôs diretamente no seu caminho.

s'Ex, o executor da Rainha, envergava o seu capuz de cota de malha, estando as suas feições tapadas pela rede metálica. Mas o vislumbre do seu rosto era desnecessário.

A sua voz, profunda e malévola, era ameaçadora.

– Mataste um dos meus machos.

Trez parou. As vestes que arrastava detiveram-se sobre o pavimento. Ao olhar para baixo, em direção à faca que tinha na mão, percebeu que aquela frágil «arma» de nada lhe valeria contra o Sombra que agora enfrentava. A lâmina de prata fora projetada para cortar peras e maçãs, tão-somente; nem para cortar tenros bifes do lombo serviria.

E o executor não se parecia minimamente com o guarda que derrotara.

– Estás a tentar fugir.

s'Ex não deu qualquer passo em frente, mas, ainda assim, pareceu ficar mais próximo.

– Isso não só é inaceitável, do meu ponto de vista, como também é contra a lei.

– Então mata-me, como castigo – desafiou Trez, com uma voz cansada. – Desfaz o meu corpo em pedaços e enterra-os fora do Território, como o traidor que sou.

– Isso é precisamente o que eu gostaria de fazer, como vingança por teres tirado a vida ao meu guarda – declarou s'Ex, cruzando os braços pesados sobre o seu peito robusto. – Mas o bater do teu coração e o ar existente dentro dos teus pulmões são divinos. Como tal, essa via de ação está-me vedada... tal como a ti.

Trez fechou os olhos, durante alguns instantes. Os pais de Trez haviam ficado emocionados com a notícia de que um dos seus dois gémeos nascera no momento perfeito, uma fração de segundo predestinada em que as estrelas se alinharam, e que acabaria por transformar a família – fora uma bênção para os seus pais, ao conferir-lhes a riqueza e o estatuto social concomitantes; fora uma maldição para ele, ao privá-lo de viver a sua vida, enquanto fosse vivo.

– Nem sequer penses nisso – disse o executor.

Ao erguer as pálpebras, Trez apercebeu-se de que encostara a faca à própria garganta. A sua mão tremia bastante, mas pressionava a lâmina suficientemente para esta atingir a pele localizada sobre a artéria.

O seu sangue, quente e suave, acariciava o punho cerrado.

Trez riu-se de um modo que soou enlouquecido aos seus próprios ouvidos.

– Nada tenho mais a perder, a não ser uma sentença de prisão perpétua pelo crime de ter nascido.

– Ah, creio que tens algo mais a perder. Não, não desvies o olhar... vais querer ver isto.

O executor inclinou a cabeça na direção da porta aberta e algo foi empurrado através desta...

– Não! – gritou Trez, fazendo ecoar a sua voz por todo o corredor.
– Não!

– Então ainda o reconheces – observou s'Ex, desenrolando os braços e puxando as mangas para cima, com o intuito de mostrar, deliberadamente, os nós dos dedos ensanguentados. – Apesar dos meus esforços. Mas, vendo bem as coisas, vocês os dois estão juntos há quanto tempo?

Trez teve alguma dificuldade em focar a visão, enquanto procurava os olhos do irmão. Não havia qualquer olhar que pudesse fixar. iAm estava inconsciente, com a cabeça a pender para um lado e o rosto de tal forma espancado que o inchaço resultante distorcia as suas feições. O seu corpo estava imobilizado por uma camisa-de-forças, feita de couro desgastado, que o envolvia desde abaixo dos joelhos até aos ombros, fixada por um sistema de correias com fivelas de latão. Manchas, novas e antigas, escureciam o castanho das correias e entorpeciam o brilho das peças de metal.

– Passem-mo cá – ordenou s'Ex.

Assim que o executor segurou na parte de trás da camisa-de-forças, ergueu do chão o corpo inerte de iAm, sem qualquer esforço adicional relativamente ao que poderia ter feito para levantar uma garrafa de vinho.

– Por favor... – implorou Trez. – Ele nada tem a ver com isto... liberta-o.

Por qualquer razão, o balançar da porção inferior das pernas do irmão ficou marcado na memória de Trez com uma clareza nauseante. iAm trazia calçado apenas um dos sapatos, tendo perdido o outro durante as ações de rapto e tortura a que fora sujeito. Ambos os pés apontavam para dentro, com os dedos grandes a tocarem-se. Um dos pés estava inclinado de uma forma pouco natural, por ter o tornozelo partido.

– Então, Trez – retomou s'Ex. – Pensaste mesmo que a tua decisão não iria afetar o teu irmão? É melhor pousares a faca. Se não o fizeres, pego nele – o executor agitou o corpo inerte de iAm para cima e para baixo –, e acordo-o. E sabes como o vou acordar? Agarro nisto – exibiu uma faca serrilhada que tinha na outra mão –, e espeto-a no ombro dele. Depois, torço-a, até o teu irmão berrar de dor.

Trez começou a lacrimejar.

– Liberta-o. Isto nada tem a ver com ele.

– *Larga a faca.*

– *Liberta-o...*

– *Que tal uma demonstração?*

– *Não! Liberta-o...*

s'Ex esfaqueou o ombro de iAm com tal força, que a lâmina serrilhada atravessou o couro da camisa, penetrando a carne subjacente.

– *Devo torcer? – berrou s'Ex, sobrepondo a sua voz ao grito de dor de iAm. – Devo? Ou vais largar essa faca de manteiga?*

O barulho da prata a bater no chão de mármore foi abafado pelo ruído da respiração pesada e arrastada de iAm.

– *Tal como pensei – proferiu s'Ex, retirando a faca do ombro de iAm, após o que este começou a gemer e a tossir, salpicando o pavimento com sangue. – Vamos regressar aos teus aposentos.*

– *Liberta-o primeiro.*

– *Não estás em posição de fazer exigências.*

Vários guardas saíram da porta dissimulada, como um enxame, envergando todos eles uniformes pretos e capuzes de cota de malha. Não tocaram em Trez. Não estavam autorizados a fazê-lo. Cercaram-no e começaram a caminhar, empurrando-o em conjunto, com os seus corpos, forçando-o a regressar ao local de onde fugira.

Trez debateu-se contra a parede de corpos, erguendo-se em bicos dos pés, para tentar ver o irmão.

– *Não o mates! – gritou. – Eu vou! Eu vou... não o mates!*

s'Ex permaneceu onde estava, com a lâmina serrilhada e ensanguentada a refletir a luz, enquanto a segurava bem alto. Parecia estar a ponderar atingir órgãos vitais com a facada seguinte.

– *A decisão é tua, Trez. A decisão é...*

Subitamente, algo aconteceu.

Mais tarde, no momento em que a luz branca se desvaneceu da sua visão e a onda tumultuosa recuou, assim que o rugido se silenciou e a estranha dor que sentia nas mãos começou a espalhar-se até aos seus antebraços, quando já não se encontrava de pé, mas sim de joelhos, Trez acabou por perceber que o primeiro guarda que matara naquela noite estava longe de ser o último.

Acabou por compreender que, de algum modo, assassinara, com as suas próprias mãos, todos os que o haviam cercado...

... mas s'Ex ainda estava no mesmo lugar, com o seu irmão.

Mais do que as mortes que cometera e o horror que sentia perante o aprisionamento de iAm, mais do que o sangue com odor acobreado, que era tão vermelho e que, naquele momento, já não se cingia apenas às suas pegadas, Trez recordaria o riso suave que perpassara através dos elos metálicos da cota de malha que cobria o rosto do executor.

Um riso suave.

Como se o executor aprovasse a carnificina.

Trez não se riu. Começou a soluçar, levando as mãos, laceradas e repletas de sangue, ao rosto.

– As cartas astrais não mentiram – afirmou s'Ex. – Tu és uma força neste mundo, muito apropriado para a procriação.

Trez caiu para o lado, aterrando sobre o sangue, com as joias embutidas nas suas vestes a cravarem-se na sua carne.

– Por favor... liberta-o.

– Regressa aos teus aposentos. De forma voluntária e sem ferir mais pessoas.

– E libertá-lo-ás?

– Não és o único com a capacidade de matar. E, ao contrário de ti, fui treinado na arte de fazer os seres vivos sofrerem. Volta para os teus aposentos e não farei com que o teu irmão deseje nunca ter nascido, como tu desejas.

Trez olhou para as suas próprias mãos.

– Não pedi esta vida.

– Ninguém pede a vida – proferiu o executor, erguendo mais o corpo de iAm. – E, por vezes, também não pedem a morte. Tu, no entanto, tens a possibilidade de decidir a morte, no que concerne a este macho. O que pensas então fazer? Lutar contra um destino que não podes mudar e condenar este ser inocente a um sofrimento prolongado e miserável? Ou cumprir um dever sagrado, que muitos antes de ti consideraram uma grande honra poder prestar ao nosso povo?

– Liberta-nos. Liberta-nos a ambos.

– Não me cabe tomar essa decisão. A tua carta astral é o que é. A tua sina foi ditada pelas contrações da tua mãe. Não podes lutar contra o teu destino, mais do que podes lutar contra elas.

Quando Trez, por fim, se tentou levantar, percebeu que o piso estava escorregadio. O sangue. Era do sangue que derramara. E, quando se conseguiu pôr de pé, teve de desbravar caminho através do horripilante emaranhado de corpos, passando por cima de vidas que sabia não ter tido o direito de ceifar.

As pegadas que deixara anteriormente sobre o mármore eram vermelhas. Vermelhas como um rubi birmanês. Vermelhas como o âmago de uma chama.

E as que deixava agora seguiam um percurso paralelo a esse primeiro conjunto de pegadas, afastando-o da fuga que procurara tão desesperadamente.

Tê-lo-ia encorajado saber que daí a 20 anos, três meses, uma semana, e seis dias, contando a partir daquele instante, ele conseguiria fugir e permaneceria livre durante um período de tempo considerável.

E tê-lo-ia chocado, até ao cerne da sua alma, saber que, algum tempo depois, regressaria voluntariamente ao palácio.

Naquela noite, o executor falara a verdade.

O destino era tão indiferente e influente relativamente ao percurso da vida, como o vento o era relativamente a uma bandeira, movimentando o tecido da existência de cada indivíduo numa direção e noutra, sujeitando o objeto das suas ações aos seus caprichos, sem inquirir sobre o que este poderia desejar que acontecesse.

Ou poderia rezar para que acontecesse.

Capítulo 1



DISCOTECA *SHADoWs*, CALDWELL, NOVA IORQUE

Ninguém bateu. A porta do escritório abriu-se como se alguém tivesse detonado uma carga de C4. Ou tivessem embatido nela com um *Chevy*. Ou com uma...

Trez «Latimer» desviou o olhar da papelada pousada sobre a sua secretária.

– Big Rob?

... bala de canhão.

Enquanto o seu subchefe de segurança gaguejava e gesticulava de todas as formas e feitios, Trez olhou, por cima do ombro, na direção do espelho unidirecional de seis por três metros, situado atrás da central de comando à Capitão Kirk. Lá em baixo, a sua nova discoteca estava a abarrotar, com humanos a acotovelarem-se por todo o lado, no espaço amplo do armazém convertido. Cada um daqueles pobres idiotas doentios representava algumas centenas de dólares de lucro, dependendo do respetivo vício e da quantidade necessária para ficarem devidamente estimulados.

Era a inauguração da discoteca *shAdoWs* e ele previra a possibilidade de ocorrerem problemas. Mas não o género de problemas capaz de fazer um segurança experiente comportar-se como uma menina de doze anos.

– Que merda se está a passar? – perguntou, ao mesmo tempo que se levantava da secretária e se aproximava de Big Rob.

– Eu... tu... eu... o tipo... ele...

Encontra o teu vocabulário depressa, pensou Trez. Ou terei de te arrancar as palavras à estalada, homem.

Por fim, o segurança desengasgou-se.

– Precisas de ver isto com os teus próprios olhos.

Trez seguiu Big Rob, correndo escada abaixo. A porta do seu escritório tinha um fecho automático, embora não guardasse lá dentro quaisquer segredos. No entanto, o escritório estava adereçado com uns quantos sofás de pele bastante agradáveis e algum equipamento de videovigilância, que poderia facilmente ir parar ao *eBay*. Além do mais, por princípio, Trez não gostava que outras pessoas entrassem no seu espaço privado.

– O Silent Tom está a conter o problema – gritou Big Rob, por cima do ruído, quando atingiram o piso térreo.

– Como se fosse um derramamento químico?

– Não sei o que é.

O volume de *About the Money*, de T. I., estava tão alto, que a música parecia formar uma presença física no ar, contra a qual Trez teve de se debater, à medida que abria caminho, passando pela segurança que guardava a entrada do corredor de acesso às salas privadas.

Tal como sucedia na sua outra discoteca, *The Iron Mask*, existiam pequenos nichos de privacidade para os clientes. Já era suficientemente complicado gerir uma rede de prostituição em Caldwell, Nova Iorque, sem ter pessoas a exibirem descaradamente as partes oscilantes dos seus corpos.

– É aqui atrás – informou Big Rob.

Silent Tom assemelhava-se a uma parede humana, diante da porta fechada da terceira sala privada a contar da entrada. Mas Trez não precisou que lhe revelassem coisa alguma para conseguir somar dois mais dois: o seu nariz foi perfeitamente capaz de efetuar o cálculo, por si só.

O cheiro desagradável e adocicado de um mingunte invadia todo o corredor, sobrepondo-se aos odores de suor e de sexo provenientes dos humanos que pululavam pelo espaço.

– Deixa-me ver – ordenou Trez, com severidade.

Silent Tom desviou-se.

– Ainda está a mexer-se. O que quer que seja, com os diabos.

Sim, o assassino provavelmente ainda estava vivo. Aqueles cabrões tinham de ser mortos de uma determinada maneira, ou continuavam simplesmente a tentar cumprir o seu objetivo, mesmo que estivessem esartejados.

– Vamos ter de chamar uma ambulância – disse Big Rob. – Fui eu quem fez isto. Não tinha a intenção de...

Trez ergueu a mão.

– Não agiste mal. E, por enquanto, não lrigues para o 112.

Ao abrir a porta, Trez fez uma careta, devido à intensificação do fedor. Depois entrou na pequena sala de três metros quadrados. As paredes e o chão estavam pintados de preto. O teto era espelhado e possuía um único foco de luz, que iluminava suavemente o espaço. O assassino encontrava-se encolhido, no canto mais distante da porta, por baixo de um assento embutido na parede, cuja função era servir de suporte a atividades menos próprias. Gemia e sangrava, originando uma mancha de óleo que cheirava a uma mistura entre a carcaça putrefacta de um animal atropelado, biscoitos de aveia acabados de fazer e pó de talco *Johnson & Johnson*.

Era nauseabundo. E, mais uma vez, sentiu repulsa por Mrs. Fields, o que não lhe agradava, e pelas crianças em geral, o que lhe era indiferente.

Olhou para o relógio. Meia-noite. Xhex, a sua chefe de segurança, estava a desfrutar uma rara noite de folga com o companheiro, John Matthew. Trez tivera de forçar a fêmea a fazer uma pausa, porque tratava-se da única noite daquela semana em que o *hellren* de Xhex estaria dispensado do seu turno na Irmandade da Adaga Negra.

Teria de lidar sozinho com este assunto.

Trez recuou para o corredor.

– Muito bem, o que aconteceu então?

Discretamente, Big Rob mostrou-lhe um punhado de pequenos pacotes de celofane, contendo pó no seu interior, assim como um maço de notas.

– Encontrámo-lo a vender isto. Começou a vociferar. Bati-lhe e, em seguida, ele ripostou... era um cabrão de um demónio. Quando ele sacou da faca, percebi que estava em apuros. Por isso, fiz o que tinha de fazer.

Trez praguejou, ao reconhecer o símbolo presente nos sacos de heroína. Nada tinha a ver com humanos. Era a segunda vez que o via.

O símbolo pertencia à Língua Antiga dos vampiros... e aquela merda aparecia novamente na posse de um mingunte? E, desta feita, de um traficante?

Pegou na droga e colocou-a no bolso. Deixou que o segurança ficasse com o dinheiro.

– Tiveste sorte de não morrer.

– Eu falo com a polícia. Está tudo na gravação.

Trez abanou a cabeça.

– Não vamos envolver a polícia.

– Não podemos deixá-lo ali – observou Big Rob, olhando de soslaio para o seu parceiro emudecido. – Ele vai morrer.

Um instante foi o quanto bastou para dominar as mentes daqueles humanos.

De ambos. Sendo um Sombra, Trez possuía as capacidades mentais características dos vampiros, conseguindo interferir no funcionamento do cerebelo, assim como reorganizar pensamentos e memórias, como se estes fossem poltronas e sofás numa sala de estar.

Podia mesmo removê-los da casa, por completo.

O corpo de Big Rob relaxou instantaneamente e ele anuiu.

– Ah, sim, com certeza. Podemos esperar aqui, do lado de fora. Não há qualquer problema, chefe... e não te preocupes... não queres que entrem aí dentro? Nós tratamos disso.

Trez deu uma palmadinha amigável nas costas do segurança.

– Posso sempre contar contigo.

Enquanto regressava ao escritório, continuou a praguejar. Tinha ido ao encontro dos Irmãos, há alguns meses, quando encontrara, pela primeira vez, um assassino na posse daquela merda. E tivera a intenção de voltar a entrar em contacto com eles. Mas a vida atrapalhara os seus planos. Coisas como os s'Hisbe a perseguirem-no, e ele e Selena...

A simples recordação da fêmea Escolhida fê-lo fechar os olhos e hesitar, com os pés pousados nos degraus da escada.

Mas, logo a seguir, afugentou esses pensamentos. Pois, ou fazia isso, ou entrava numa espiral descendente e sem fundo. A boa notícia? Ao longo dos últimos nove meses, Trez dedicara muito tempo a tentar afastar a sua mente, as suas emoções e a sua alma de Selena.

Como tal, estava acostumado àquele tipo de exercício mental.

Infelizmente, Selena permanecia uma preocupação constante. Era como se ele padecesse de um estado febril persistente, que terminava em não desaparecer, independentemente do número de horas que dormia e dos cuidados que tinha com a alimentação.

E, em algumas noites, era muito mais do que uma simples preocupação – razão pela qual tivera, ocasionalmente, de abandonar a mansão da Irmandade e regressar ao seu apartamento, no edifício Commodore.

Afinal de contas, os machos vinculados eram potencialmente perigosos. O facto de ele não estar com Selena – e não poder estar com ela – não tinha qualquer significado para essa sua faceta obscura. Especialmente quando Selena se prontificava a alimentar outros guerreiros que, por qualquer motivo, não podiam usufruir do sangue das suas companheiras.

Estava, pura e simplesmente, louco.

Selena era uma Escolhida da Virgem Escrivã e ele era um viciado em sexo reabilitado, com uma sentença de prisão perpétua a pairar sobre a sua cabeça. Ainda assim, segundo a sua masculinidade, esta era uma receita para o amor verdadeiro.

Sim. Tratava-se de um cálculo generoso.

Quase se sentia aliviado por ter um mingunte a esvair-se numa das salas privadas destinadas a práticas sexuais. Pelo menos aquela situação dava-lhe uma bomba-relógio para dismantelar – o que era bem melhor do que continuar a olhar, fixamente, para a multidão anónima de estranhos, a alimentarem os seus próprios vícios graças às fêmeas e às bebidas que ele lhes fornecia.

Enquanto esperava que acontecesse o inevitável na sua terra natal.

No Território dos s'Hisbe.

Capítulo 2



O FOSSO, MANSÃO DA IRMANDADE

Rhage espreitou por cima das páginas do *Caldwell Courier Journal*. Sentado no sofá de pele de V e Butch, a sua perspetiva proporcionava-lhe uma visão mais ampla do que desejava de um Lassiter em tronco nu, a brincar consigo próprio.

Jogando matraquilhos, entenda-se.

O anjo caído estava a jogar na mesa de V como um profissional, transitando agilmente entre os dois lados da disputa e arremessando insultos a si mesmo.

– Uma pergunta – murmurou Rhage, movendo cautelosamente a sua perna ferida. – Alguma das tuas personalidades está ciente de que tu és um raio de um esquizofrénico?

– A tua mãe é tão estúpida... – começou Lassiter, desmaterializando-se num lado da mesa, materializando-se no outro e rodando as barras. – ...que pensa que um «centavo da Califórnia»¹ é uma moeda que se usa para telefonar.

V entrou na sala e sentou-se no sofá.

¹ «*California Dime*», na versão inglesa. É uma expressão coloquial que se refere a uma mulher fisicamente atraente, que é, ou que aparenta ser, da região da Califórnia. A expressão deriva do facto de se considerar que nessa região existem tantas mulheres fisicamente atraentes, que a beleza física é vista como um atributo muito comum, sendo comparada a um «centavo». (*N. dos T.*)

– Isso é um distúrbio de personalidade múltipla, Hollywood. Não é esquizofrenia.

O Irmão colocou uma bolsa de tabaco feita em pele e um pacote de mortalhas sobre uma pilha de revistas *Sports Illustrated*, no mesmo instante em que Lassiter soltava um grito de vitória.

– Ora vejam – comentou V, em voz baixa. – O idiota está finalmente a ganhar.

Rhage resmungou, enquanto tentava encontrar uma posição melhor para a sua perna lesionada. Ele e V deveriam estar a combater nas ruas, mas um mingunte armado em Gordon Ramsay atirara-se a ele empunhando uma faca enferrujada, e V havia sido baleado no ombro esquerdo.

Pelo menos estariam de volta à ação daí a 24 horas, em grande parte graças a Selena. Se ela não fosse tão generosa com o seu sangue, eles não conseguiriam recuperar tão rapidamente – especialmente tendo em conta que as companheiras de ambos eram incapazes de satisfazer aquele tipo de necessidades nutricionais acrescidas.

Mas, caramba, aquilo era uma treta, ficarem sentados o dia todo, como um par de aleijadinhos.

E, para além disso, havia o fator Lassiter.

O Fosso estava essencialmente como sempre estivera: repleto de sacos desportivos, aparelhagens e equipamento informático. Eram visíveis a mesa de matraquilhos e uma televisão do tamanho de um grande parque. O programa *SportsCenter* estava no ar, debitando informações detalhadas sobre futebol americano universitário e a National Football League. Havia garrafas vazias de vodca *Grey Goose* espalhadas por todo o lado e o guarda-roupa de Butch estava a expandir-se para o corredor. Ah, é verdade, e o tema *Hell of a Night*, de Schoolboy Q, saía aos berros de várias colunas.

Mas já não era exclusivamente um refúgio de solteirões. Pairando no ar, era perceptível o aroma do perfume habitual de Marissa – alguma coisa da Chanel? – e a mala de trabalho da doutora Jane encontrava-se pousada sobre uma mesa baixa. E quanto às garrafas vazias? Eram somente daquela tarde e noite, e V planeava

arrumá-las antes de se ir deitar. E ainda existiam as revistas *Journal of the American Medical Association* e *People*.

Ah, e a cozinha estava limpa, com fruta fresca numa taça, e o frigorífico cheio de produtos variados, em vez de conter apenas restos de refeições do Arby's e frascos de molho de soja.

Rhage explorara aquela arca do tesouro refrigerada assim que entrara na cozinha, apoderando-se de dois quilos de gelado de menta com pepitas de chocolate. Isso ocorrera há cerca de meia hora. Agora, começava a sentir novamente alguma fome. Talvez fosse o momento de regressar ao edifício principal...

Quando o tema *Holy Ghost*, de Jeezy, ecoou pela divisão, Lassiter começou a cantar.

A cantar *rap*.

– Porque o convidaste? – perguntou Rhage, no preciso momento em que V estendia a língua para selar um dos seus cigarros enrolados. – E, meu Deus, quando *raios* é que furaste *isso*?

– Não o convidei. Ele seguiu-nos, quando atravessámos o pátio. E há cerca de um mês.

– Porque fizeste isso a ti próprio?

V lançou um sorriso maldoso ao seu companheiro de sofá. Enquanto o fazia, as suas pálpebras semicerraram-se sobre os olhos de diamante.

– A Jane gosta.

Rhage voltou a embrenhar-se no jornal.

– Demasiada informação, meu irmão.

– Até parece que não farias o mesmo, se a Mary quisesse.

– Foi a doutora Jane que te *pediu* para fazeres isso? Como se essa barbicha já não fosse merda suficiente a enfeitar a tua bocarra? Tem dó.

Tudo o que conseguiu foi obter mais um sorriso.

– Seguindo em frente... – disse, concentrando-se nos horóscopos. – Ora bem, então qual é o teu signo, Lassiter?

– Sou fabuloso – respondeu o anjo caído, materializando-se no lado oposto da mesa –, com o Sol a nascer no quadrante «Beija-me

o Cu». E, antes que continues com as perguntas, fui criado, não nasci, por isso não tenho uma data de nascimento.

– Eu arranjo-te uma data de óbito – interrompeu V.

– E que tal uma camisa? – comentou Rhage, virando a página.
– Apenas uma camisa. Matar-te-ia se te cobrisses um pouco, anjo? Ninguém precisa de ver isso.

Lassiter ficou parado durante alguns instantes... e, em seguida, começou a dançar contra a mesa de matraquilhos, ao estilo de Channing Tatum no filme *Magic Mike*, esfregando-se na baliza, enquanto gemia como se estivesse a ter um orgasmo.

V tapou os olhos.

– Nunca pensei que um dia desejaria ser cego.

Rhage amachucou o jornal e atirou-o na direção de Lassiter.

– Eh pá, vá lá, seu animal! Ainda quero voltar a usar essa mesa...

O telemóvel de Rhage teve um ataque epilético, vibrando contra o rabo do proprietário, até este conseguir inclinar-se para o lado e retirar o aparelho do bolso de trás das calças de cabedal.

– Sim – disse, sem olhar para o número que aparecia no visor. Trez falou baixinho.

– Tenho um problema.

– O que se passa?

– Tenho um minguante incapacitado na minha discoteca. Fiz uma lavagem cerebral aos meus seguranças, em particular ao que lutou com ele, mas não vai ser suficiente para resolver o assunto.

Rhage levantou-se do sofá.

– Estou aí daqui a cinco minutos.

– Obrigado, meu.

Quando desligou a chamada, Rhage acenou com a cabeça na direção de V.

– Vá lá, sei que estamos no banco, mas esta não é uma situação de combate.

– Não precisas de me tentar convencer. Para onde vamos?

Lassiter parou a sua dança erótica e endireitou-se.

– Uma visita de estudo!

– Não...

– Não...

– Posso ser útil, para além de decorativo, sabem?

V começou a armar-se, fazendo uma careta de dor ao fixar o coldre e nele inserir um par de adagas afiadas e reluzentes, com os respetivos punhos virados para baixo.

– Duvido que precisemos de um aríete.

– Talvez tenhamos essa sorte – comentou Rhage, dirigindo-se para a porta. – Mas não apostaria nisso.

– Não quero ficar aqui sozinho...

– E não és assim tão decorativo, anjo.

Lá fora, estava uma noite tipicamente outonal. Quando Rhage atravessou o pátio, em direção à entrada da grande mansão de pedra, o vento frio de setembro fez os seus seios nasais zumbirem e agitou a besta interior que se escondia sob a sua pele.

Caramba, mal podia esperar que a sua Mary chegasse a casa, vinda da *Safe Place*, onde trabalhava.

Toda aquela conversa sobre línguas e o facto de as mulheres gostarem delas em certos sítios – está bem, a conversa resumira-se a, aproximadamente, três frases, mas isso fora mais do que suficiente – tinha-lhe dado tesão.

Dez minutos, duas garrafas de bebidas espirituosas, um par de adagas e um metro de corrente metálica mais tarde, Rhage e V desmaterializaram-se, viajando até ao Meatpacking District de Caldwell. Materializaram-se ambos na rua onde se situava o novo espaço de diversão noturna de Trez. A discoteca *shAdoWs* localizava-se num armazém remodelado e, como era habitual nos estabelecimentos dos Sombras, havia uma fila de humanos que serpenteava pelo quarteirão. Pareciam vacas prestes a entrar num curral, a fim de serem alimentadas. Enquanto a música ecoava no recinto, luzes intermitentes e raios laser atingiam os milhares de painéis de vidro, fazendo com que o local se assemelhasse a uma *trip* psicadélica, com três andares de altura, aprisionada sob um telhado metálico.

Quando se dirigiram para as traseiras do edifício, inúmeras cabeças viraram-se na sua direção, mas isso não era propriamente algo de novo para os dois. As humanas tinham um dom especial para detetarem a presença de vampiros... talvez fosse uma coisa hormonal, ou talvez fosse do cabedal preto.

Certamente não era da barbicha. Vá lá, tenham dó.

E, sim, podia ter havido uma época, no seu passado, em que Rhage se teria sentido tentado a tirar partido daquela mercadoria de qualidade questionável, mas já não sentia tal necessidade. Agora, tinha a sua Mary e ela era mais do que suficiente para o satisfazer. V sentia o mesmo em relação a Jane.

Bem, em relação a Jane com um suplemento «saudável» de chicotes e correntes metálicas.

Tarado.

A entrada das traseiras consistia numa porta dupla, com três fechaduras. Exibia uma indicação de «Apenas Pessoal Autorizado» e, obviamente, existia uma câmara de vigilância algures, pois, no preciso momento em que se aproximaram da porta, um segurança abriu-a.

– Vocês são...?

– Sim, somos – afirmou V, entrando de rompante na discoteca.

– Onde está o Trez?

– Por aqui.

Corredores escuros. Humanos estúpidos e bêbedos. Raparigas avantajadas a fazerem pela vida. E, finalmente, lá estava Trez, à frente de uma porta preta, sob uma lâmpada de luz negra.

O Sombra era impressionante, mesmo visto a uma distância de dez metros e com uma luminosidade ténue. Era alto e possuía um tronco em forma de triângulo invertido, com os ombros largos e fortes a convergirem numa cintura estreita. Duas coxas grossas, seguidas por duas pernas longas, sustentavam uma obra-prima escultural. A pele era da mesma cor que a mesa de mogno existente na sala de jantar da mansão. Os olhos eram negros como uma noite sem luar. O cabelo havia sido rapado, limitando-se a um padrão

visível na superfície do crânio. Mas toda aquela beleza era apenas uma fachada apelativa e enganadora.

Na verdade, Trez era uma mercadoria mais perigosa do que qualquer artigo passível de ser adquirido numa exibição de armas de fogo.

Os Sombras eram mortíferos. Tinham capacidades que impressionavam até mesmo os membros da Irmandade. Geralmente, possuíam uma personalidade reservada, preferindo permanecer no território dos s'Hisbe, bem longe da cidade. Trez e o seu irmão, iAm, eram exceções à regra.

Tinha algo a ver com Rehvenge. Não que Rhage alguma vez os tivesse sondado sobre o assunto.

– Onde está ele? – perguntou V, enquanto cumprimentava o Sombra, com um aperto de mão.

– Aqui dentro.

Rhage também cumprimentou o Sombra, dando-lhe um abraço forte.

– Como vai isso?

– Temos um problema – respondeu Trez, recuando, para abrir a porta. – E não é o que vocês pensam.

O mingunte «morto» contorcia-se sobre o pavimento, movendo lentamente os braços e as pernas. Tinha vários ossos partidos. Um dos pés apontava na direção errada e um dos cotovelos encontrava-se inclinado num ângulo pouco natural. A criatura estava a sangrar bastante. Inundara o chão com o fluido negro e espesso proveniente do Ómega.

– Belo trabalho – comentou Rhage, tirando um *Tootsie Pop* com sabor a uva do casaco e removendo habilmente o plástico que protegia o chupa-chupa. – Quem foi o segurança que fez isto?

– O Big Rob – respondeu Trez, estendendo, em seguida, uma das mãos. – E aqui está o problema.

No meio da palma da sua mão encontravam-se uns quantos pacotes de droga aparentemente banais...

Mas só à primeira vista.

V pegou neles, com a mão enluvada.

– São iguais aos que entregaste ao Butch, não é verdade?

– Precisamente.

– Pois é, andam a traficar.

– Já conseguiram descobrir alguma coisa sobre esta merda?

– O Butch apertou com o Assail, mas ele negou repetidamente estar a fazer negócio com estes trastes. E o assunto ficou por aí. Não tínhamos mais pistas para investigar e existiam outras prioridades, se é que me entendes...

Rhage mordeu o chupa-chupa até atingir o centro de chocolate, ao mesmo tempo que se inclinava para a frente, a fim de observar melhor os pacotes de droga. Estes haviam sido marcados com tinta vermelha. Exibiam um símbolo em Língua Antiga cujo significado era «morte».

O *chrib*.

Assail ia meter-se em merda da grossa, se estivesse a usar o inimigo para distribuir o seu produto nas ruas.

V passou a mão que tinha livre pelo cabelo preto.

– Agora entendo porque não esfaqueaste simplesmente esta coisa, enviando-a de volta para o Ómega.

– O meu segurança disse que o assassino entrou misturado com a multidão e andou por aí, a vender o produto. Foi convidado a sair, discutiu com os seguranças, atacou-os, e, em seguida, ficou feito num oito, quando o Big Rob tomou conta do assunto. Foi a primeira vez que este minguante apareceu por aqui, mas isso não tem grande significado, porque o espaço só foi inaugurado hoje. Mas, resumindo e concluindo, não deixo que desconhecidos interfiram com os meus negócios, sejam humanos ou não. E não quero estar na lista de prioridades da polícia, mais do que já estou...

Enquanto os outros falavam, Rhage limpou impecavelmente o pau branco do chupa-chupa e entreteve-se a avaliar o Sombra.

De repente, intrometeu-se na conversa, inquirindo:

– Porque é que não tens vindo à Última Refeição?

O olhar cortante de V virou-se para ele:

– Concentra-te, meu irmão.

– Não, estou a falar a sério – insistiu Rhage, encostando-se à parede preta. – O que se passa, Trez? Quero dizer, a nossa comida não é suficientemente boa para ti?

O Sombra aclarou a voz.

– Ah, não, sim, é que eu... tenho andado muito ocupado, sabem. A inauguração disto...

– E quando foi a última vez que te alimentaste? Estás com um ar de merda.

Vishous ergueu as mãos.

– Hollywood, importas-te de...

– Sabes, usei a Selena esta noite e o sangue dela é espetacular...

Aconteceu tudo num ápice. V estava a fazer sinais a Rhage, enquanto este salientava, com toda a razão, que Trez precisava de se alimentar de sangue. Subitamente, a palma da mão do Sombra, do tamanho de uma raquete, circundou o pescoço de Rhage, cortando-lhe a provisão de ar, por completo.

Trez mostrou os dentes e rosnou, como se Rhage fosse o inimigo.

Num piscar de olhos, e apesar da enorme ferida que tinha no ombro, Vishous atirou-se ao Sombra, num ataque de corpo inteiro. Simultaneamente, Rhage agarrou o pulso grosso que o sufocava, tentando afastá-lo. Incrivelmente, nada resultou. Mesmo com a investida de V – e os seus quase 140 quilos – e com todo o esforço que Rhage fez para se soltar, o Sombra mal se moveu, mais parecendo um muro.

Foi então que os três ficaram realmente com um problema sério.

Rhage pestanejou e, quando abriu os olhos, viu uma luz brilhante, que inundava o exíguo espaço pintado de preto.

– Foda-se! – praguejou V, entredentes. – Larga-o, Trez! Temos uma situação para resolver!

Sob a pele de Rhage, a sua besta interior ganhava vida, após ter sido acordada pela ameaça mortal.

– Trez, larga-o!

Algo conseguiu atingir a mente do Sombra – talvez tenha sido toda aquela luz, ou o facto das feições de Rhage estarem já em metamorfose –, fazendo com que o seu pulso cedesse ligeiramente.

V aproveitou de imediato a oportunidade. Atirou-o ao chão, saltou para cima dele, empunhou uma das suas adagas e encostou-a à jugular de Trez.

Praguejando com uma intensidade decrescente, Rhage tossiu e respirou fundo várias vezes. Merda. Se a sua besta interior já tinha um pavio curto numa noite boa, estando ele bem alimentado, devidamente exercitado, e tendo dado uma boa queca, o que dizer das alturas em que tentavam matá-lo? Mesmo podendo haver uma boa razão para tal?

Claramente, o Sombra ficara vinculado à Escolhida, pois aquela reação tresandava a hormonas masculinas.

– Desculpa – murmurou Trez. – Não sei o que me deu. Juro, pela vida do meu irmão.

– Porque não... – começou Rhage, engasgando-se nas suas próprias palavras – ... nos disseste que te havias vinculado a ela?

Houve um momento de silêncio, após o qual Trez respondeu:

– Eu... merda.

V acrescentou uma série de palavrões.

– Será que te vais manter calmo, Sombra, ou terei de te cortar a garganta?

– Estou bem. A sério.

Pouco tempo depois, V aproximou-se.

– Rhage...? Meu irmão?

Rhage levou as mãos à cara e deixou-se deslizar parede abaixo, até bater com o traseiro no chão. Inspira. Expira. Inspira. Expira.

Já tinham um minguate na discoteca.

A besta interior de Rhage não era bem-vinda, de todo.

Inspira.

Expira...

– O que se passa com ele? – inquiriu Trez.

– Nunca insultes este cabrão. – Foi a última coisa que Rhage ouviu, antes de o mundo se desvanecer, como fumo numa corrente de ar.

Capítulo 3



No salão mais sagrado do Palácio Real dos s'Hisbe, s'Ex aguardava, permanecendo de pé. Na parede oposta ao ponto onde se encontrava, existia uma porta sem qualquer maçaneta ou puxador. As marcas que permitiam destrinçar o painel móvel da parede em que estava inserida eram poucas e difíceis de ver.

Do outro lado da porta, uma criança recém-nascida chorava. O som, uma súplica melancólica por ajuda, auxílio, socorro, penetrou nos seus ouvidos e trespassou a sua alma. A mão de s'Ex tremeu, quando ele a pousou sobre a superfície fria que o separava da criança. A sua filha. A sua descendência. Provavelmente, a única que ele teria.

A bebé não estava sozinha na sala cerimonial. Encontrava-se acompanhada pelo alto-sacerdote, AnsLai, pelo astrólogo-mor e pelo escriturário. Este último tinha a responsabilidade de testemunhar e registar acontecimentos como aquele.

A ama embrulhara a criança numa manta branca, de pura lã tecida à mão, antes de a ter levado para a sala cerimonial, deixando-a com os três machos.

A chorar por um pai que não viria salvá-la.

O coração de s'Ex batia tão violentamente, que a esclera dos seus olhos acusava a variação rítmica da pressão sanguínea. Não

esperara ter tal reação, mas talvez aquela emoção intensa fosse a razão pela qual não lhe havia sido permitido tocar na filha – nem ficar a sós com ela. Desde que a Rainha dera à luz, aproximadamente há seis horas, s'Ex fora autorizado a ver a filha duas vezes: a primeira ocorrera após a criança ter sido limpa, a segunda sucedera há poucos instantes, quando ela fora transportada para a divisão de mármore branco, que não possuía janelas e tinha apenas uma porta... que trancava somente por dentro.

O instante em que a bebé nascera ditara o seu destino, impondo-o sem qualquer misericórdia. Era a tradição. O alinhamento das estrelas dissera que a sua filha não estava destinada a herdar o trono e, como tal, ela teria de ser...

Arromba a porta! gritava o seu coração. *Impede-os, impede-os antes que...*

Silêncio.

De repente, um silêncio profundo dominou o salão.

Um ruído, semelhante ao grunhido de um animal ferido, subiu pela sua garganta e voou para fora da sua boca. s'Ex cerrou o punho e bateu com força na porta. No painel, surgiram várias fissuras que formavam um padrão estrelado, irradiando para fora, a partir do ponto de impacto.

Desnorteadado e perigoso, ele sabia que precisava de sair daquele local, antes que fizesse algo tão impensável, como o que acabara de ser feito. Tropeçando nas suas vestes negras, deu meia volta e começou a percorrer o corredor atabalhoadamente. Estava vagamente consciente de que chocava repetidamente contra as paredes, do ímpeto que atirava o seu corpo para a esquerda e para a direita, dos seus ombros a embaterem no mármore branco escorregadio.

Sem saber porquê, lembrou-se de uma noite oculta no passado distante, que tivera lugar há pelo menos duas décadas. Nessa noite, aguardara perto da saída, esperando que TrezLath, o Ungido, descesse e tentasse fugir do palácio. Agora, estava a fazer o que o macho rebelde fizera então.

Tentava fugir.